

## 2011 - E depois de Kadhafi?

E depois de Kadhafi?

por: Eugénio Costa Almeida©

[Isto foi o envio de] “um forte sinal aos ditadores e tiranos da região e no mundo: eles não devem desconsiderar a voz do seu próprio povo nas eleições livres e justas e haverá consequências para os que se agarrem ao poder”; assim declarava Hillary Clinton, Secretária de Estado dos EUA, após a deposição de Laurent Gbagbo, na Cote d’Ivoire. Depois de Ben Ali (Tunísia), de Hosni Mubarak (Egipto) e de Gbagbo, três dos vários membros da gerontocracia política africana auto-radicada e ainda em actividade, coube a Muammar Kadhafi a fava seguinte. No passado dia 1 de Setembro, Kadhafi fez — ou teria feito — 42 anos que estava no Poder, desde que depôs o rei Idris I e instaurou a República Árabe e Socialista. Fez, ou faria, porque no momento que escrevo estas linhas, a União Africana (UA) ainda continua a não reconhecer o actual poder rebelde da Líbia, consubstanciado no Conselho Nacional de Transição, mesmo que este já tenha sido reconhecido pelas maiores potências mundiais, como a Rússia e a China, na linha do já feito, naturalmente, pelos EUA e pelo Ocidente. E até se compreende, quando a UA quer acabar com as deposições anárquicas e/ou anti-constitucionais evocando o seu actual articulado, sobretudo quando advoga o fim de “todas as formas de assassinatos políticos e actividades subversivas contra os Estados africanos provocadas por vizinhos ou outros Estados”; como, reconheça-se, também acabou por acontecer na Líbia com a intervenção da OTAN/NATO sob a umbrella das Nações Unidas. E foi devido a esse (este) princípio que a Argélia aceitou a presença dos familiares de Kadhafi — e falta saber se ele também lá não estaria, como informaram alguns dos colaboradores de um seu filho, e os argelinos omitiram isso, enquanto outro dos seus filhos fugia para o Níger sob a cobertura berbere — como outro dos gerocratas africanos, o senhor Mugabe, decidiu expulsar os diplomatas líbios em Harare porque depuseram a bandeira “Al-Jamahiriyah e repudiaram o dirigente líbio, que mantém em Robert Mugabe um incondicional aliado. Assim como é também nesse princípio — de que, quando lhes convém, alguns o invocam — que, e nalguns casos até se compreende pelas similitudes dos comparsas, alguns Estados e dirigentes tornarem público a sua vontade de o “acolher”; no seu seio apesar dos mandados de captura internacionais que pesam sobre Kadhafi e alguns dos seus mais próximos. Paradoxalmente, até invocam, tal como os EUA, a não celebração ou ratificação da Convenção de Roma, que instituiu o TPI. O que no caso dos EUA pode ser uma vantagem, principalmente quando vieram, recentemente, a público informações que mostram que os seus serviços secretos deram informações importantes a diferentes departamentos da Al-Jamahiriyah, em particular sobre opositores de Kadhafi. Ora se este é detido e falar... O certo é que a chamada Primavera Árabe provocou a queda de autocratas estabelecidos há muitos anos e tem despertado, com maior ou menor intensidade e impacto, movimentos sociais noutras regiões africanas apesar dos Poderes instituídos não o admitirem e, mais perigoso ainda, o eximirem. E nada é mais perigoso para uma Democracia — e mais do que para qualquer outro tipo de sistema político —, seja musculada ou liberal, que uma crise social e política desprezada... Como se recorda, a crise da Cote d’Ivoire se deveu, em parte, embora talvez não tenha sido a única, porque o Poder instituído — leia-se Gbagbo — e os que o apoiavam abstrairam-se completamente dos movimentos sociais que exigiam a sua resignação. Isto, acrescido com legítimas ou não interpretações constitucionais, depois de ver as urnas ditar o seu afastamento. Pior será se o Poder fizer tábua rasa das inquietações populares, por muito menores que sejam — e essas, às vezes, são as piores porque são as melhores organizadas e as que melhor e mais facilmente chegam aos objectivos pretendidos. Ainda assim, ou talvez por isso, recordemos as palavras da senhora Clinton que iniciaram esta reflexão. Três ou quatro autocratas já foram, ou quase. Já só faltam outros tantos para África poder começar a respirar um pouco melhor... Publicado no semanário Novo Jornal, edição nº 191, de 16 de Setembro de 2011, página 26 (com algumas alterações; foi aproveitada a primeira versão mas sem impacto de maior)